

**SAÚDE DA MULHER NA ATENÇÃO BÁSICA NO PLANALTO RIO-GRANDENSE**

**ESTHER MEZZOMO PAIER<sup>1,2\*</sup>, AMANDA ALECRIM DA ROCHA CERQUEIRA RÔDE<sup>3</sup>, ANA PAULA MONTEIRO DE SOUZA<sup>3</sup>, BEATRIZ DE ALBUQUERQUE BERNARDI<sup>3</sup>, PRISCILA PAVAN DETONI<sup>2,4</sup>**

**1 Introdução**

A saúde da mulher é um campo de estudo complexo que precisa ser entendido a partir dos princípios da integralidade, da equidade e da universalidade em saúde; é dever dos serviços e profissionais acolher a mulher de forma digna e humanitária, enfocando e respeitando seus direitos (PRIMO et. al, 2008). Essas questões vão desde o acesso aos serviços de saúde, sobretudo pela porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), a Atenção Básica em Saúde (ABS), até os itinerários terapêuticos percorridos por diferentes mulheres conforme suas demandas nos serviços de saúde e a capacidade de resolutividade atingida. Posto isso, sabe-se que a ABS se configura como o primeiro contato das usuárias com o sistema de saúde, sendo considerada um dos pilares da organização e gestão em saúde (BRASIL, 2016). Desta forma, o nível básico de atenção à saúde tem, portanto, uma função importante pelas práticas de acolhimento da maioria dos problemas da população que abrange.

A partir dos marcadores interseccionais da diferença, como gênero, raça e classe, que afetam os determinantes sociais de saúde, somado às questões ambientais, culturais, sociais, econômicas e psicológicas que interferem diretamente na linha de cuidado de cada usuária, pretende-se traçar esses caminhos feitos por elas na saúde da mulher e na ABS. Para tanto, esse subprojeto de pesquisa se insere em um projeto guarda-chuva que contempla o estudo da saúde da mulher na região de abrangência da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) no Sul do Brasil, com um grupo de pesquisadoras que está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre Saúde, Mulher e Gênero (GEPISMUG), entre os *campi* de Chapecó e Passo Fundo.

---

1 Acadêmica de graduação do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo – RS. Contato: [esther.paier@estudante.uffs.edu.br](mailto:esther.paier@estudante.uffs.edu.br)

2 Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares sobre Saúde, Mulher e Gênero (GEPISMUG).

3 Acadêmicas de graduação do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo – RS.

4 Psicóloga, Mestra e Doutora em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Docente da Graduação em Medicina e da Residência Multiprofissional de Saúde da Família, Universidade Federal da Fronteira Sul, **Orientadora.**

## **2 Objetivos**

Compreender os itinerários terapêuticos das mulheres na Atenção Básica em Saúde (ABS) no município de Marau, nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) lócus de intervenções dos estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Passo Fundo, e das Residências Multiprofissionais em Saúde da Família no norte do estado do Rio Grande do Sul. A partir da compreensão desses itinerários será possível fomentar melhorias nas linhas de cuidado para a saúde da mulher.

## **3 Metodologia**

O estudo foi de delineamento qualitativo, dirigindo-se à compreensão do ser humano e suas relações, a partir dos significados atribuídos às experiências (MINAYO, 2014). O corpus da pesquisa constituiu-se em etnografias dos itinerários terapêuticos das mulheres que acessaram a Atenção Básica em Saúde (ABS) no ano de 2022, através de quatorze entrevistas semiestruturadas realizadas com as usuárias, com consentimento e sigilo. Este estudo foi aprovado de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, via Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (CEP-UFFS), número do CAAE 55494321.4.0000.5564.

Foram entrevistadas em profundidade 14 mulheres usuárias da Estratégia de Saúde da Família (ESF) no município de Marau-RS, a maioria delas autodeclaradas brancas, cisgêneras, heterossexuais, com escolaridade do ensino fundamental incompleto, classe média baixa ou baixa, casadas ou em união estável, com filhos, praticantes de religiões católica ou evangélica, trabalhadoras do lar ou doméstico para outras mulheres, exercendo várias funções de cuidado não remunerado para idosos, crianças, adolescentes, pessoas com deficiência, doentes e homens.

## **4 Resultados e Discussão**

A partir das entrevistas sobre seus itinerários terapêuticos a maioria das mulheres entrevistadas respondeu que de forma geral as mulheres se cuidam mais e melhor que os homens, inclusive muitas delas vieram às UBS buscar atendimentos ou medicamentos para os seus companheiros e filhos. Essas usuárias destacaram a facilidade de acesso nas duas UBS, lócus da etnografia, percebendo que o município tem boa cobertura do SUS, comparado com outros territórios que elas e suas famílias moraram anteriormente. Quanto à saúde da mulher, relataram que ainda se sentem mais cuidadas na fase de gestação e puerpério, mas apresentaram os exames de rotina em dia conforme orientações do Ministério da Saúde.

Em relação ao acesso com a ESF, os serviços receberam elogios quanto às orientações recebidas pelas mulheres, em especial pelas áreas da enfermagem e das agentes de saúde comunitárias, em detrimento à área da medicina, necessitando de maiores explicações dos procedimentos clínicos e utilização correta de medicamentos. Um exemplo, trazido por uma das mulheres, foi que a mesma já se sentiu invadida e constrangida pelo excesso de estudantes da medicina e pelo médico, que não explicaram para ela uma intervenção a ser realizada quando a mesma estava gestando, sendo que a fizeram o mesmo procedimento mais de uma vez, segundo ela sem precisão, como se ela fosse um objeto, na atenção especializada. Outro caso foi a diferença de orientação médica recebida pelo mesmo profissional quanto à saúde da mulher no serviço privado, em detrimento do público, exclusivo pelo SUS. Fatores como esses impactaram na diminuição da procura dos serviços de saúde pelas usuárias, mesmo que em diferentes níveis de atenção, destacando a importância para a construção de linhas de cuidado (MALTA, MERHY, 2010).

Essas usuárias se sentiram melhor acolhidas pelos/as profissionais quando sua religiosidade foi considerada, bem como quando os chás e seus conhecimentos foram respeitados nos atendimentos realizados na ABS. A maioria das mulheres entrevistadas relatou ações de universalidade e a integralidade no acesso de todas as mulheres nos serviços da ESF, incluindo a diversidade de gênero, raça e classe, mas não tem entendimento sobre equidade, e algumas ainda têm dificuldades comportamentais em relação à adesão aos tratamentos recebidos, por falta de conhecimento ou questões culturais, principalmente ligadas à alimentação e ao uso correto da medicação. As mulheres brancas dizem não perceber racismo, enquanto as mulheres com famílias interraciais perceberam diferenças no tratamento no caso de enteado e marido negros, preferindo, desse modo, atendimentos na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e nem sempre na ABS.

Os marcadores sociais, sobretudo classe, raça e gênero, interferem nos tratamentos em saúde. As mulheres negras vivenciam maior violência seja no âmbito institucional ou familiar do que as mulheres brancas, bem como existem diferenças no acesso aos serviços de saúde; assim como as mulheres não inscritas na heterocisnormatividade, ou seja, as mulheres lésbicas, bissexuais, trans e não binárias (DETONI et al, 2019), e agrava para as mulheres de baixa renda, ou em situação de violações de direitos como as mulheres migrantes que por vezes tem dificuldade de comunicação para buscarem o SUS (FERREIRA; DETONI, 2018).

## 5 Conclusão

A percepção das usuárias esteve diretamente relacionada a lembrança dos itinerários terapêuticos para dar conta das suas demandas de saúde e também dos seus familiares, elas relatam estar com os seus exames de rotina e cuidados em dia, acessando ainda preferencialmente a ABS, diferente dos seus companheiros que acessam mais as urgências e emergências, o que corresponde a literatura vigente. Identificou-se que os níveis de complexidade em saúde ainda não são reconhecidos por essas usuárias, e que depende das relações desenvolvidas nos serviços a maior ou menor adesão aos tratamentos referenciados ou prescritos.

Esse estudo terá continuidade, através da devolução para as equipes da ABS de um itinerário índice (comum a realidade das usuárias) para reconhecimento das fragilidades e das potencialidades no cuidado às mulheres. A partir dessas ações de educação permanente com as equipes, a pesquisa será completada, considerando oportuno investir na capacitação e na qualificação de profissionais e estudantes para as linhas de cuidado, mostrando possibilidades que não considerem apenas as questões do quadro clínico, mas garantam melhor acesso, resolutividade, orientações e adesão aos tratamentos.

### Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres. **Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília**, 2016.
- DETONI, Priscila Pavan; MACHADO, Paula Sandrine; NARDI, Henrique Caetano. A produção da diversidade sexual e de gênero nas práticas do CRAS. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 24, n. 3, p. 281-291, set. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2019000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2019000300006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190029>.
- FERREIRA, D. G. S.; DETONI, P. P. Saúde e migrações no Sul do Brasil: demandas e perspectivas na educação em saúde. **Revista de Saúde Coletiva** [online], v. 31, n. 04, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/phys/a/6jbdHMM4DPGxjNBmXhjW3ms/>. Acesso em: 02 de agosto de 2022.
- MALTA, D. C.; MERHY, E. E. O percurso da linha do cuidado sob a perspectiva das doenças crônicas não transmissíveis. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 593-606, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Vp4G9JR7JkP7K5N8SCRh3qr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 de agosto de 2022.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. **SP: Hucitec**, 2014.
- PRIMO, C. C.; BOM, M.; SILVA, P. C. Atuação do enfermeiro no atendimento à mulher no Programa Saúde da Família. **Rev. enferm. UERJ**, p. 76-82, 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-501524>. Acesso em: 02 de agosto de 2022.

**Palavras-chave:** Atenção Básica em Saúde. Saúde da Mulher. Integralidade. Equidade. Determinantes Sociais em Saúde.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES 2021 - 0346

**Financiamento:** FAPERGS.